

A DOMINAÇÃO MASCULINA IMBUÍDA NAS CONDUTAS E NOS DISCURSOS DE ALUNOS DA REDE PÚBLICA DA PARAÍBA

Samara Beatris da Costa Silva ¹
Iolanda Barbosa da Silva ²

RESUMO

A violência de gênero nas escolas é um fenômeno social que se evidencia nas análises dos estudos culturais; pela promoção de uma cultura sexista presente nas condutas das figuras masculinas que ali se inserem. É neste contexto que o ensino de sociologia deverá intervir didaticamente no contexto social, cultural e histórico dos agentes sociais. O presente trabalho objetivou analisar sociologicamente as condutas e os discursos dos estudantes do sexo masculino em escolas públicas da Paraíba, nas quais evidenciam-se não só a violência de gênero recorrente para com as professoras e alunas, assim como a prática de “dominação masculina” simbólica apresentada pelo sociólogo Pierre Bourdieu. A observação deu-se de forma participante a partir das experiências adquiridas durante o Programa de Residência Pedagógica (RP) em Sociologia pela Universidade Estadual da Paraíba, cujas análises aconteceram em duas das escolas-campos. Assim, o processo de observação revelou as influências das estruturas dominantes patriarcais e machistas sobre esses indivíduos, que vão compondo pensamentos, discursos e ações preconceituosas. Neste trabalho enfatizamos a relevância do ensino de sociologia para a desnaturalização das relações desiguais de gênero, proporcionando o estranhamento daquilo que lhes foi posto como “natural” a fim de desconstruir tais práticas. Destacamos que a Sociologia visa formar cidadãos críticos e conscientes; como também, promover a construção de novas mentalidades nas quais os estudantes se percebam agentes de transformação e não apenas indivíduos que fazem parte da sociedade. Por fim, apresentamos como as reflexões sociológicas podem intervir de forma didática e pedagógica no contexto destes jovens estudantes, principalmente por meio dos debates acerca da temática de gênero nas salas de aula.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia, Violência de gênero, Gênero, Estudantes, Dominação Masculina.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa analisar sociologicamente a presença da dominação masculina expressa pela violência de gênero nas condutas e nos discursos de alunos da rede pública da Paraíba em relação às professoras e alunas. A violência de gênero nas escolas é um fenômeno social que se evidencia nas análises dos estudos culturais; pela promoção de uma cultura sexista presente nas condutas das figuras masculinas que ali se inserem. Numa

¹ Graduanda da Licenciatura em Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, samara.beatris@aluno.uepb.edu.br;

² Professora da Licenciatura em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Orientadora da Residência Pedagógica. iolabarbsilva@servidor.uepb.edu.br;

sociedade machista-patriarcal, as práticas e os discursos são legitimados, mantidos e reproduzidos pelos atores sociais.

Diante disso, se faz necessário problematizar as condutas, os discursos e os comportamentos sexistas dentro do ambiente escolar. Nos referimos ao campo do ensino de Sociologia e da Educação para inserir e evidenciar a relevância do debate sobre gênero, sobre violência de gênero e sobre a dominação masculina tão forte e tão presente na nossa sociedade, e o seu reflexo no campo educacional mediante as condutas masculinas. Assim como, o papel da educação, e, sobretudo, da Sociologia na intervenção pedagógica sobre estas práticas escolares.

O percurso metodológico da pesquisa foi realizado a partir da observação participante durante as experiências adquiridas no Programa de Residência Pedagógica (RP) em Sociologia pela Universidade Estadual da Paraíba, cujas análises aconteceram em duas das escolas-campos, de ensino regular.

Assim, o processo de observação revelou as influências das estruturas dominantes patriarcais e machistas sobre esses indivíduos, que vão compondo pensamentos, discursos e ações preconceituosas. Enfatizamos a importância do ensino de Sociologia para desconstrução de tais práticas e a construção de práticas críticas e conscientes, aliado à Sociologia destacamos que a prática pedagógica seja engajada, emancipatória e política.

METODOLOGIA

Os caminhos metodológicos desta pesquisa deram-se a partir da observação participante aliada à pesquisa bibliográfica. O trabalho resulta de uma experiência no Programa de Residência Pedagógica (RP) em Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em duas escolas públicas da cidade de Campina Grande/PB: EEEFM Ademar Veloso da Silveira e EEEFM Reitor Edvaldo do Ó. Ambas escolas se situam no bairro de Bodocongó e abarcam estudantes advindos de outras localidades como Ramadinha, Pedregal e Vila dos Teimosos (Universitário), parte destes territórios se encontram na condição de vulnerabilidade socioeconômica e habitacional.

A partir de análises acerca do cotidiano escolar, a destacar as relações entre meninos e meninas, meninos e professoras, nos foi oportunizado a construção de uma investigação sociológica sobre a violência de gênero e a dominação masculina, ainda fortemente presente na escola. Por meio das observações sistemáticas, nos foi possível identificar determinados

discursos e comportamentos no percurso das aulas de Sociologia no ensino médio, e em outros espaços do ambiente escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. GÊNERO, IDENTIDADES E JUVENTUDES

Para compreendermos como a dominação masculina se configura na sociedade e como este fenômeno social vai sendo corporificado pelo/no espaço escolar, resultando na violência de gênero (verbal, moral, psicológica, física e sexual), faz-se necessário analisar categoricamente o conceito de gênero, configurando em que momento ele surge e quais as concepções, bem como as contribuições das teorias acerca da categoria gênero.

A década de 1960 é marcada pelos movimentos sociais que ressurgem no campo social, político e cultural, inserindo pautas que ganham destaque e visibilidade política, naquele momento, como: participação, reivindicações e questionamentos. O debate sobre gênero será inserido aos poucos na sociedade por meio do movimento feminista e as suas “ondas”, mas é especificamente na segunda onda que se inicia as reflexões acerca da categoria “gênero” (Louro, 2010). A concepção de gênero está relacionada às construções e expectativas sociais sobre o que é considerado como masculino e feminino. Este conceito perpassa dimensões históricas e culturais, sendo possível afirmar que os comportamentos tidos como “masculinos” e “femininos” não são determinados pela sua natureza biológica, isto é, por seu sexo biológico; fazem parte de uma construção sócio-histórica que atua sobre os corpos dos indivíduos, invisibilizando as tensões que marcam as disputas de poder sobre discursos, práticas e comportamentos.

Como afirma Joan Scott, “[...] o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” (Scott, 1995, p. 21); quando tratamos dos estudos de gênero no âmbito das teorias feministas (filosóficas, sociológicas e antropológicas) nos referimos à negação da ideia de que as desigualdades entre homens e mulheres podem ser justificadas e legitimadas a partir dos seus aspectos físicos e biológicos, inserindo no debate teórico e prático que tais ideias são engendradas pelas relações de poder e de dominação, sobretudo, masculinas. As relações de gênero são igualmente permeadas pelas instituições sociais, por meio das representações ou práticas sociais e culturais, as quais vão criando estereótipos e modelos ideais para homens/meninos e as mulheres/meninas. A cultura

patriarcal, sexista e machista dissemina uma norma-padrão sobre os indivíduos de como devem ser, se comportar, pensar, sentir e agir no mundo.

Podemos verificar que o conceito de gênero varia de sociedade em sociedade, modificando-se a partir do percurso histórico e cultural em que o corpo social está inserido(a) e fazendo parte de uma construção subjetiva e coletiva. Segundo Guacira Lopes Louro (2010, p. 27), “o que importa considerar é que – tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade - as identidades são sempre construídas”, pois, o gênero constitui a identidade dos indivíduos, como salienta a autora. Ao considerar as identidades e os gêneros como algo que não é estático nem muito menos fixo, podemos desconstruir as noções que foram construídas e interiorizadas através das articulações de poder ao longo do percurso histórico.

Segundo Dayrell (2003), falar de juventude no singular não seria adequado, devemos nos referir às juventude(s) no plural, a fim de considerar o significado político e social que a dimensão do conceito carrega consigo. No âmbito das identidades faz-se necessário refletirmos acerca das juventudes, as compreendendo não somente a partir da faixa etária, mas levando em conta os aspectos de raça, etnia, gênero, territorialidade e classe. Como afirma Andreia dos Santos,

[...] Quando nos referimos a juventude, podemos pensar num período compreendido na transição entre a infância e a vida adulta. Mas com o passar dos anos pode-se observar que a definição de juventude parte da construção de limites e experiências vividas no âmbito social, temporal e cultural [...] (Santos, 2021, p. 1).

Isto é, as juventudes são perpassadas por todos os aspectos sociais, culturais e políticos, necessitando que sejam entendidas a partir das mesmas.

Ainda no campo das identidades, os Estudos Culturais que emergem no Brasil a partir da década de 90, atrelados aos Estudos de Gênero e da Educação, trazem contribuições significativas para se pensar as relações de gênero no espaço escolar; estudos que indagam as ideias tidas como “fixas” em torno das masculinidades e feminilidades, questionando as abordagens sobre identidade, diferença e desigualdade e as inserindo no campo educacional-pedagógico e de pesquisas sociológicas. Na perspectiva dos Estudos Culturais podemos problematizar e refletir junto ao corpo estudantil sobre identidades e práticas escolares.

2. A DOMINAÇÃO MASCULINA

Criou-se historicamente a oposição entre homens e mulheres, utilizando-se dos papéis sociais criados pelas sociedades para cada um. Desde sempre, o papel da mulher foi destinado ao trabalho doméstico: limpar, cozinhar, servir, cuidar da casa, dos filhos e do marido, designadas somente para exercerem tais funções, não poderiam ocupar outras posições sociais na estrutura social. Ao mesmo tempo, há um processo que invisibiliza e deslegitima o trabalho doméstico, o trabalho doméstico não é reconhecido de fato como um trabalho que mereça ser reconhecido, regulamentado e/ou remunerado, na verdade, o trabalho doméstico para as sociedades patriarcais é o destino da mulher, nada menos que sua função social e familiar.

Logo, a figura feminina vai sendo atrelada aos aspectos personalísticos como a docilidade, fragilidade, delicadeza, submissão, servidão e passividade, ora se você é mulher você deve apresentar tais características e se comportar como tal. Enquanto o papel atribuído ao homem esteve sempre ligado ao sucesso, ao dinheiro e ao trabalho remunerado (o provedor), associado à figura masculina aquele que é bruto, dominador, provedor, superior, forte e viril. Deste modo, todos esses elementos constituem as relações de gêneros de forma desigual e hierárquica, Bourdieu (2002, p. 10) afirma que “a diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construído entre os gêneros [...]”.

As diferenciações construídas e naturalizadas em torno dos gêneros são alicerçadas pelas relações de dominação e engrenadas nos aspectos subjetivos e coletivos, os quais atuam nos corpos masculinos e principalmente nos corpos femininos, regulando-os, controlando-os e dominando-os. Bourdieu (2002) denomina de naturalização ética os mecanismos que envolvem e interferem nos corpos dos indivíduos determinando as maneiras de ser/agir/pensar, isto é, uma moral imposta sobre o corpo social. Portanto, é neste campo que a dominação masculina se apresenta e se envolve com a violência de gênero - convencendo a sociedade de que a dominação masculina é de ordem natural, podendo se reproduzir de forma sutil e invisível nas estruturas sociais e no mundo subjetivo.

O papel dos sistemas de ensino, enquanto parte da engrenagem das instituições sociais de poder, é essencial na reprodução das relações desiguais de gênero; as práticas escolares

tratam de atuar na reprodução e legitimação, quando tratam meninos e meninas de forma diferenciada, quando criam separações e divisões nas coisas mais simples como a fila do lanche, as brincadeiras e dinâmicas ora reservadas para meninos, ora reservadas para meninas. Portanto, é no campo simbólico que essas ideias e práticas se fortalecem.

O ENSINO DE SOCIOLOGIA E A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE

O papel do Ensino de Sociologia torna-se imprescindível, com objetivo de promover um processo de *desnaturalização* e de *estranhamento* daquilo que lhes foi posto como natural. De modo igual, o Estado, por meio de políticas públicas em educação em parceria com as redes de ensino, devem proporcionar o debate das questões relacionadas a gênero, tratando-as de forma clara e adequada; assim como, pensar e executar estratégias e ações que possibilitem tal realização.

Para tanto, a Sociologia por meio de debates, rodas de conversas e projetos de intervenção pedagógica acerca da temática podem contribuir imensamente para a desconstrução e transformação das relações desiguais de gênero, atuando no combate à violência de gênero. É possível utilizarmos recursos didáticos pedagógicos para levar os/as estudantes a um processo que vai desde a problematização e reflexão, ao questionamento e mudança das suas próprias práticas e ações. Podemos trabalhar com trechos de músicas, fotografias, charges e entre outras possibilidades didáticas conforme a realidade de cada contexto. Da mesma maneira que construímos as relações à nossa volta, podemos desconstruir as ideias, as formas de percebê-las e de nos posicionarmos sobre o mundo de tal maneira que possamos construir novos olhares sobre a realidade. A construção prevê a desconstrução.

Assim, a Sociologia deseja promover a construção de cidadãos críticos/as, conscientes e ativos/as na sociedade em que estão inseridos/as, portanto, a partir dela poderemos modificar as ideias de “certo” e “errado” acerca das relações de gênero, compreendendo-as como construções socioculturais e históricas; e entendendo que os papéis sociais atribuídos e construídos como único caminho possível para meninos e meninas, mulheres e homens são aqueles estabelecidos por uma hegemonia de uma cultura *machocêntrica*. Para além dessa formação crítica, a Sociologia nos dá suporte para entender o mundo e os comportamentos individuais e coletivos nas figurações sociais que os compõem.

Bell Hooks (2017), faz uma crítica ao modelo pedagógico tradicional pautado na manutenção e legitimação da colonialidade, as práticas escolares tradicionais ressaltam as desigualdades escolares, socioeconômicas, de gênero e de raça. Em resposta, a educadora propõe uma educação engajada com a prática da liberdade. De acordo com Hooks,

[...] a sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração e que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática de liberdade (Hooks, 2013, p. 273).

Dessa forma, é importante salientar que o processo educativo deve ser emancipatório, democrático e engajado na construção de perspectiva crítica da realidade social, que possibilite a transformação das ações, práticas e concepções.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A RP em Sociologia possibilitou as observações participantes no cotidiano escolar, acompanhamos cada escola por mais de um mês e pudemos identificar e analisar os comportamentos dos estudantes. Durante as observações, alguns acontecimentos nos chamaram mais a atenção, segue o relato a seguir.

Ao acompanhar as provas de reposição, presenciamos quando um estudante começou a tecer reclamações sobre a prova da professora de Sociologia. A professora em questão se posicionou diante das queixas apresentadas, uma vez que o aluno elevou o tom de voz pronunciando palavrões, ela solicitou que o mesmo se retirasse da sala devido ao desrespeito, no entanto, ele se recusou a fazê-lo. Em outro momento, uma residente foi questionada e desrespeitada por um aluno que estava realizando a prova de reposição. Ela percebeu que o aluno em questão estava recorrendo às informações da internet durante a prova, quando todos/as foram notificados/as de que não poderiam acessar a internet. Diante do ocorrido, a residente notificou a professora de Sociologia (que também estava na sala de aula), e o estudante demonstrou irritação ao tecer comentários ofensivos e desrespeitosos direcionados à residente.

O comportamento dos estudantes, direcionado às figuras femininas presentes, é caracterizado como uma violência de gênero e está relacionado às normas de superioridade e

poder atribuídas ao sexo masculino, influenciadas pelas estruturas machistas e patriarcais. Os alunos demonstravam uma sensação de confiança e poder ao proferir palavras ofensivas. Será que se o ocorrido envolvesse um professor homem, ele teria agido da mesma forma? Sem receio algum e com legitimidade? As escolas-campo mencionadas têm a disciplina de Sociologia ministrada por professoras. Percebemos que, nas duas escolas de ensino integral que fazem parte do Programa de Residência Pedagógica, nas quais a disciplina de Sociologia é lecionada por professores, não houve nada semelhante, tendo em vista que o período de acompanhamento nas escolas foi aproximadamente o mesmo.

Ao examinarmos a interação entre alunos e alunas, notamos algumas concepções imbuídas nos discursos dos meninos em relação às meninas. Durante as aulas, havia “brincadeiras” (assim denominadas por eles) e comentários como: “as mulheres ganham menos no futebol porque ninguém assiste aos jogos”, “a minha mãe é quem faz as coisas para mim, em tom irônico”, “o feminismo já serviu, mas hoje não serve para nada”. Os discursos podem parecer inofensivos para os pronuncia e para quem os ouve como uma brincadeira, mas refletem a concepção de mundo e, sobretudo, a visão que os meninos cultivam e expressam sobre as mulheres. Ainda, a professora de Sociologia relata a desqualificação e objetificação feminina praticada pelos meninos, especialmente nos corredores, que, constantemente se referem a apelidos pejorativos e chegam a tocar em seus corpos.

Agora, é importante evidenciar a relação entre alunos e residentes, uma vez que a Residência Pedagógica em Sociologia é composta, na sua maioria, por mulheres. Em algumas ocasiões, de forma sutil e em outras não, determinados alunos solicitavam o número de telefone, faziam elogios à aparência e “cantavam” as residentes. Os residentes, no entanto, nunca relataram nada parecido. Portanto, as condutas e os discursos evidenciam a legitimidade que sentem ao reproduzir a dominação masculina com base na violência de gênero, apesar de serem tão sutis que, às vezes, não as percebemos, sendo tão simbólicas que não sabemos como proceder. Assim, o ambiente escolar torna-se um lugar de reprodução das práticas machistas e sexistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, colocamos em evidência o fenômeno sociocultural da dominação masculina presente nos discursos e nas condutas de jovens alunos da rede pública da Paraíba. Concluímos o quanto a dominação masculina, baseada na cultura sexista, se faz presente no campo educacional, se expressa e se materializa nos comportamentos dos sujeitos masculinos.

A relação estabelecida entre alunos e alunas, alunos e professoras, demonstram as influências da estrutura dominante, patriarcal e machista, atuando não somente para legitimar as práticas, mas, contribuindo para uma manutenção. As concepções naturais, comuns e padrões estabelecidas culturalmente, continuam operando sobre os corpos femininos e masculinos.

Desse modo, vale ressaltar o quanto o ambiente escolar contribui para a reprodução das desigualdades e violências de gênero. Não obstante, a escola também pode ser o espaço da desconstrução, problematização e construção de novos valores e práticas. Compreendemos a importância do ensino de Sociologia para intervir didaticamente, ao envolver o processo de desnaturalização-estranhamento e oferecer suporte para que os agentes sociais entendam as configurações da realidade social. Um ensino de Sociologia que combata as estruturas coloniais, hierárquicas, sexistas e dominantes. Para tanto, é imprescindível uma educação democrática, emancipatória e crítica.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**: Ciências humanas e suas tecnologias. Volume 3. Brasília, 2006c.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. de Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p. 07-27.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014, p. 77-97.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 11. ed. São Paulo: Vozes, 2010.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Tradução: Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila. 2ª ed. Recife: SOS CORPO, 1995.

SANTOS, Andreia dos. O que é juventude. **Blog Café com Sociologia**. mar. 2021. Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/juventude/>. Acesso em: 10, set. 2023.

WORTMANN, M. L. C.; COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. M. H. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em educação no Brasil. **Educação**, v. 38, n. 1, p. 32-48, jan.-abr. 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/18441/12751>.